

## ENTRE O PAPEL E O PROMPT: discussões sobre Inteligência Artificial com acadêmicos(as) de um curso de Letras

*BETWEEN PAPER AND PROMPT: Discussions on Artificial Intelligence with  
Undergraduate Students in a Language and Literature Program*

NATALINO JOÃO MARQUES TELES (UEG)<sup>1</sup>

VALÉRIA ROSA-DA-SILVA (UEG)<sup>2</sup>

### Resumo:

A presença crescente das ferramentas de Inteligência Artificial (IA) no ensino superior tem intensificado debates acerca de seus impactos nos processos de aprendizagem e na formação docente. Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento e discute os usos da IA por acadêmicos/as do curso de Letras (Português e Inglês) de uma universidade pública do interior de Goiás, com foco na identificação das ferramentas utilizadas e das finalidades atribuídas a esses usos no contexto acadêmico. Os/As participantes são discentes matriculados/as no 8º período do curso. O material empírico foi construído por meio de um questionário reflexivo aplicado via Google Forms. A discussão fundamenta-se em perspectivas críticas de educação linguística, especialmente no campo dos Multiletramentos e dos Letramentos Digitais (Freitas; Avelar, 2021; Cope; Kalantzis, 2022; Mendonça; Pires Jr., 2025), bem como em estudos que articulam Inteligência Artificial e educação (Santaella, 2013; Carvalho; Pimentel, 2023). Os resultados indicam que os/as participantes já incorporam a IA de modo recorrente em suas práticas acadêmicas, mobilizando-a principalmente como apoio à leitura, à escrita, à tradução e ao planejamento pedagógico. Esses achados sugerem a emergência de práticas híbridas, nas quais os processos de estudo, planejamento e produção de sentidos se constroem na articulação entre o papel e o prompt, apontando para a necessidade de refletir criticamente sobre usos éticos, responsáveis e formativos da Inteligência Artificial na licenciatura em Letras.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial. Multiletramentos. Letramentos Digitais. Formação Docente.

### Abstract:

The growing presence of Artificial Intelligence (AI) tools in higher education has intensified debates about their impacts on learning processes and teacher education. This paper presents partial results of an ongoing study and discusses the uses of AI by undergraduate students enrolled in a Language and Literature program (Portuguese and English) at a public university in the interior of the state of Goiás, Brazil. The focus of this report is on identifying the AI tools used by the participants and the purposes attributed to their use in academic contexts. The participants are students enrolled in the eighth semester of the program. The empirical

<sup>1</sup> Graduando em Letras na UEG. E-mail: [natalinoteles2019@gmail.com](mailto:natalinoteles2019@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestra e Doutora em Estudos Linguísticos. Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: [valeria.silva@ueg.br](mailto:valeria.silva@ueg.br).

material was generated through a reflective questionnaire administered via Google Forms. The discussion is grounded in critical perspectives on language education, particularly within the fields of Multiliteracies and Digital Literacies (Freitas & Avelar, 2021; Cope & Kalantzis, 2022; Mendonça & Pires Jr., 2025), as well as in studies that articulate Artificial Intelligence and education (Santaella, 2013; Carvalho & Pimentel, 2023). The results indicate that participants already incorporate AI recurrently into their academic practices, primarily mobilizing it as support for reading, writing, translation, and pedagogical planning. These findings suggest the emergence of hybrid practices in which processes of studying, planning, and meaning-making are constructed through the articulation between paper and prompt, pointing to the need for critical reflection on ethical, responsible, and formative uses of Artificial Intelligence in teacher education programs in Language and Literature.

**Keywords:** Artificial Intelligence. Multiliteracies. Digital Literacies. Teacher Education.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A expansão recente das ferramentas de Inteligência Artificial (IA), sobretudo aquelas de caráter generativo, tem alterado de forma significativa as práticas acadêmicas no ensino superior, incidindo diretamente sobre modos de ler, escrever, estudar e produzir conhecimento (Carvalho; Pimentel, 2023). No campo da formação docente em Letras, essas transformações adquirem contornos específicos, uma vez que dizem respeito a um curso em que a linguagem ocupa lugar central na constituição do/a futuro/a *professor/a*. Nesse cenário, práticas tradicionais associadas ao papel, ao texto escrito e à autoria passam a coexistir e a se tensionar com interações mediadas por prompts<sup>3</sup>, algoritmos e sistemas automatizados de produção textual.

Parte da intensidade com que a IA se insere no cotidiano universitário decorre de sua ampla acessibilidade. Como destaca Santaella (2023), diferentemente de sistemas preditivos desenvolvidos para contextos corporativos, a Inteligência Artificial Generativa (IAG) tornou-se rapidamente disponível a qualquer pessoa com acesso a dispositivos digitais, o que explica sua adoção massiva por estudantes em diferentes níveis de formação. No ambiente acadêmico, essas ferramentas vêm sendo acionadas para múltiplas finalidades, como traduções, sínteses, revisões linguísticas e organização de ideias, configurando práticas que já

---

<sup>3</sup> Neste texto, o prompt não é tratado como um simples comando técnico dirigido à Inteligência Artificial, mas como uma prática discursiva emergente, atravessada por escolhas linguísticas, intenções e disputas de sentido. Inspirada em Wotkoski, Oliveira, Andrade e Silva (2024), essa noção será retomada e aprofundada ao longo do texto, na discussão das interações entre linguagem e sistemas algorítmicos.

fazem parte do dia a dia universitário, ainda que nem sempre sejam objeto de discussão sistemática ou orientação institucional.

Diante dessa realidade, torna-se relevante deslocar o olhar para as práticas concretas dos/as estudantes e perguntar, de forma situada: quais ferramentas de Inteligência Artificial estão sendo utilizadas na formação inicial de professores/as de línguas e com que finalidades? Nesse sentido, mapear essas ferramentas constitui um passo fundamental para compreender como a IA se materializa no cotidiano acadêmico, antes mesmo de avançar para análises mais amplas sobre seus impactos pedagógicos, epistemológicos ou éticos.

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa em andamento, desenvolvida no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso. Neste texto, o objetivo é identificar quais ferramentas de Inteligência Artificial são utilizadas por acadêmicos/as do 8º período do curso de Letras (Português e Inglês) de uma universidade pública do interior de Goiás, bem como as finalidades atribuídas a esses usos no contexto acadêmico. O material empírico foi construído por meio de um questionário reflexivo, aplicado via Google Forms, junto aos/as estudantes participantes, com foco no mapeamento das ferramentas de IA que atravessam suas práticas de estudo, leitura, escrita e planejamento pedagógico.

A análise dialoga com perspectivas críticas de educação linguística e letramentos digitais, que compreendem o digital como um campo de práticas sociais atravessadas por escolhas, valores e relações de poder, e não como um conjunto neutro de recursos tecnológicos (Freitas; Avelar, 2021). Em consonância com essa compreensão, Cope e Kalantzis (2022) argumentam que as tecnologias contemporâneas operam em sistemas cyber-sociais, nos quais pessoas e máquinas se coimplicam, produzindo novos modos de interação e de produção de sentidos. Assim, identificar as ferramentas de IA utilizadas pelos/as acadêmicos/as de Letras permite visibilizar práticas emergentes que atravessam a formação docente e que demandam reflexão crítica no âmbito da universidade.

Ao apresentar resultados parciais dessa investigação, este texto busca contribuir para o debate sobre a presença da Inteligência Artificial na licenciatura em Letras, oferecendo subsídios iniciais para reflexões futuras acerca de usos críticos, responsáveis e eticamente orientados dessas tecnologias na formação de professores/as. Mais do que inventariar ferramentas ou mapear práticas de uso, o objetivo é reconhecer um fenômeno já em curso e

criar condições para que ele seja compreendido, problematizado e discutido no espaço formativo universitário.

Quanto à organização, além desta introdução e das considerações finais, o artigo está estruturado em três seções: 1) os caminhos metodológicos e o contexto da pesquisa; 2) a presença da Inteligência Artificial nas práticas acadêmicas de estudantes de Letras: entre o papel e o prompt; e 3) finalidades de uso da IA: o prompt como prática discursiva emergente.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Este artigo apresenta resultados parciais de uma investigação em andamento, desenvolvida no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso e construída em coautoria entre o acadêmico pesquisador e sua orientadora. Neste recorte, o estudo tem como objetivo identificar as ferramentas de Inteligência Artificial utilizadas por acadêmicos/as do curso de Letras, bem como discutir as finalidades desses usos. Considerando o caráter situado da pesquisa e a implicação direta do autor e da autora com o contexto investigado, o trabalho inspira-se na perspectiva da pesquisa enredada (Silvestre; Pessoa; Rosa-da-Silva, 2026, no prelo), compreendida não como um método prescritivo, mas como um compromisso ético e político com formas outras de produzir conhecimento.

O contexto da pesquisa é o curso de Letras (Português e Inglês) de uma universidade pública do interior do estado de Goiás. Os/As participantes deste recorte são discentes matriculados/as no 8º período do curso, integrantes do mesmo espaço formativo em que se desenvolve a investigação. Tal configuração reforça o caráter relacional da pesquisa, na medida em que pesquisador, pesquisadora e participantes compartilham práticas acadêmicas, inquietações formativas e experiências atravessadas pelo uso crescente de tecnologias digitais no cotidiano universitário.

A construção do material empírico foi realizada por meio de um questionário reflexivo, elaborado de forma colaborativa pelos/as autores/as e aplicado via plataforma Google Forms. O instrumento reuniu perguntas abertas e fechadas relacionadas ao uso e às finalidades de ferramentas de Inteligência Artificial no contexto acadêmico, buscando mapear as tecnologias mais recorrentes nas práticas dos/as participantes.

Em função do recorte assumido para este artigo e dos limites editoriais dos anais, a análise apresentada concentra-se exclusivamente nas respostas que permitem identificar quais ferramentas de Inteligência Artificial são utilizadas pelos/as participantes em suas práticas acadêmicas e com quais finalidades. Outros aspectos investigados no estudo – como percepções sobre aprendizagem, riscos e cuidados éticos – permanecem em processo de análise e serão aprofundados em publicações futuras.

A opção por apresentar resultados parciais dialoga com a própria lógica da pesquisa enredada, que compreende a investigação como um movimento em constante construção, aberto a revisões, deslocamentos e novos enredamentos (Silvestre; Pessoa; Rosa-da-Silva, 2026, no prelo). Assim, mais do que oferecer conclusões fechadas, este texto busca tornar visíveis práticas emergentes no cotidiano acadêmico de licenciandos/as em Letras, contribuindo para o debate crítico sobre a presença da Inteligência Artificial na formação docente.

## **A PRESENÇA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA NAS PRÁTICAS ACADÊMICAS DE ESTUDANTES DE LETRAS: ENTRE O PAPEL E O *PROMPT***

A presença da Inteligência Artificial Generativa (IAG) no cotidiano acadêmico tem provocado deslocamentos importantes nos modos de ler, escrever, estudar e planejar no ensino superior. No âmbito da formação em Letras – historicamente associada a práticas centradas no texto escrito, na leitura aprofundada e na autoria individual –, o uso de sistemas de IAG introduz novas formas de mediação, nas quais práticas consolidadas, aqui metaforizadas pelo papel, passam a coexistir com interações algorítmicas mediadas por comandos linguísticos, os prompts (Wotkoski, Oliveira, Andrade e Silva, 2024).

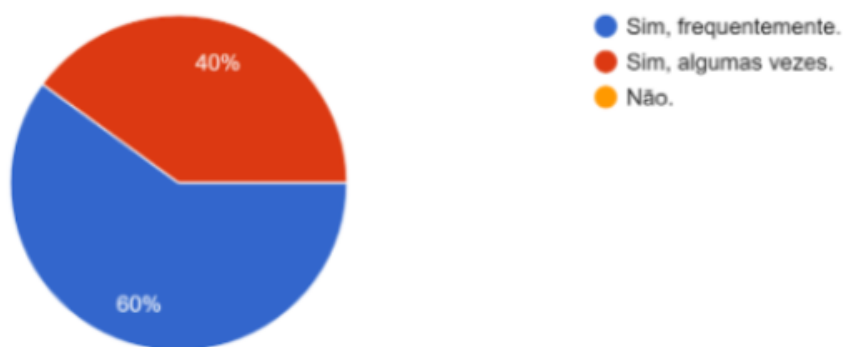
Cope e Kalantzis (2022) situam essas transformações no contexto do que denominam sistema cyber-social, caracterizado por uma integração profunda entre pessoas e máquinas, em que processos de produção de conhecimento deixam de ser exclusivamente humanos e passam a ocorrer de forma distribuída. Nesse cenário, escrever, pesquisar e aprender envolvem interações recorrentes com sistemas inteligentes que participam ativamente dos processos de significação. Essa compreensão permite afastar leituras simplistas que tratam a

IA apenas como ferramenta neutra, reconhecendo-a como elemento constitutivo das práticas sociais contemporâneas (Wotckoski, Oliveira, Andrade e Silva, 2024).

Essa integração entre humanos e máquinas também é enfatizada por Mendonça e Pires Junior (2025, p. 143), ao afirmarem que a contemporaneidade é marcada por uma “profunda e recursiva integração entre pessoas e máquinas”, o que impacta diretamente os modos de aprender, ensinar e produzir conhecimento. Para a autora e o autor, a presença ubíqua da IA convoca o desenvolvimento de letramentos críticos, capazes de problematizar não apenas o uso técnico dessas tecnologias, mas também seus efeitos éticos, sociais e epistemológicos.

É nesse contexto que se insere o material empírico desta pesquisa. Conforme indicado na Figura 1, os dados evidenciam que a Inteligência Artificial já se incorporou ao cotidiano acadêmico dos/as participantes. Todos/as os/as respondentes afirmaram já ter utilizado alguma ferramenta de IA em atividades acadêmicas, seja de forma frequente ou ocasional, a partir da resposta à pergunta “Você já utilizou alguma ferramenta de inteligência artificial em atividades acadêmicas?”. Esse dado sugere que a IA deixou de ocupar um lugar periférico ou excepcional, consolidando-se como prática recorrente no curso de Letras.

**Figura 1:** Gráfico sobre a frequência de usos da IA



Fonte: elaborado pelo Google Forms a partir do material empírico da pesquisa.

A recorrência desses usos indica que estratégias de proibição tendem a ser pouco produtivas no contexto formativo. Como argumentam Carvalho e Pimentel (2023), mais relevante do que interditar o uso da IA é educar para seu uso crítico, compreendendo-a como aliada em determinados processos acadêmicos, e não como inimiga a ser combatida. Tal posicionamento desloca o debate de uma lógica moralizante para uma perspectiva



pedagógica, que interroga como, quando e com quais implicações essas tecnologias são mobilizadas na formação docente.

Do ponto de vista das práticas de linguagem, a frequência de uso da IA dialoga com a reconfiguração das práticas discursivas contemporâneas apontada por Wotckoski, Oliveira, Andrade e Silva (2024). Segundo o autor e as autoras, a escrita mediada por IA inaugura um cenário em que o sujeito não apenas produz textos, mas interage dialogicamente com sistemas que respondem, reformulam e expandem enunciados, deslocando parcialmente o gesto de escrever do papel para o prompt. Esse deslocamento, contudo, não implica o apagamento da autoria humana, mas sua reconfiguração, agora marcada por decisões relacionadas à formulação de comandos, à seleção de respostas e à responsabilidade sobre o texto final.

No âmbito da formação docente, esse movimento ganha contornos ainda mais relevantes. Mendonça e Pires Junior (2025) alertam que a presença ubíqua da IA nas práticas educacionais exige que futuros/as professores/as sejam preparados/as para compreender seus mecanismos, limites e efeitos sociais, evitando tanto a adesão acrítica quanto a rejeição absoluta dessas tecnologias. Nesse sentido, o uso frequente da IA por licenciandos/as pode ampliar repertórios e apoiar processos formativos, desde que acompanhado de reflexão pedagógica e ética.

À luz da noção de sistema cyber-social proposta por Cope e Kalantzis (2022), o material empírico deste estudo indica que a formação docente já ocorre em um contexto de integração profunda entre humanos e máquinas. Assim, mapear a frequência de uso da IA não se limita a registrar hábitos tecnológicos, mas permite reconhecer que novas formas de ensinar, aprender e produzir conhecimento estão em curso, o que convoca os cursos de Letras a repensarem suas práticas formativas, incorporando a discussão sobre a IA como dimensão constitutiva da educação linguística contemporânea.

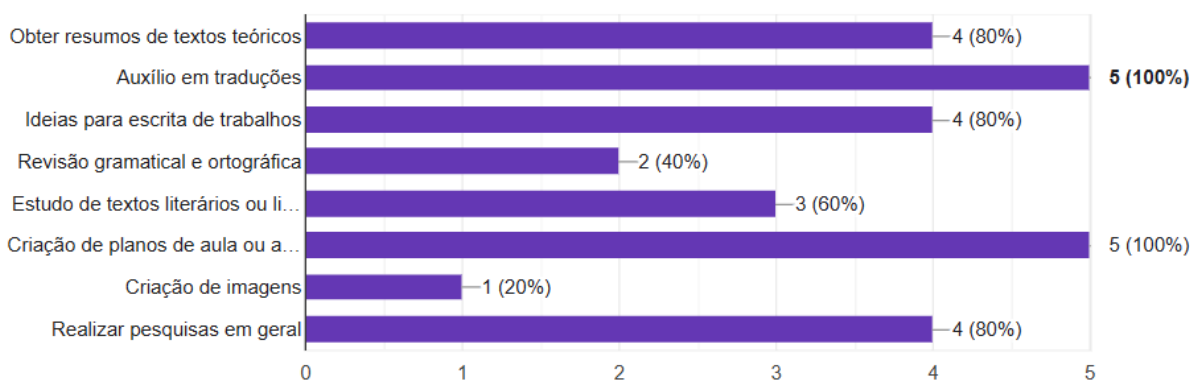
## **FINALIDADES DE USO DA IA: O PROMPT COMO PRÁTICA DISCURSIVA EMERGENTE**

Ao investigarmos as finalidades atribuídas pelos/as participantes ao uso da Inteligência Artificial, o material empírico indica que essas ferramentas têm sido mobilizadas predominantemente como apoio às práticas acadêmicas, e não como substituição integral do

trabalho intelectual. Conforme ilustrado na Figura 2, todos/as os/as participantes afirmaram utilizar a IA para auxílio em traduções de textos teóricos e para a criação de planos de aula ou atividades didáticas, atividades centrais na formação inicial de professores/as de línguas.

Além dessas finalidades, a maioria dos/as respondentes declarou recorrer à IA para obter resumos de textos teóricos, gerar ideias para a escrita acadêmica e realizar pesquisas em geral. O uso da IA para o estudo de textos literários ou linguísticos foi mencionado por parte dos/as participantes, assim como a revisão gramatical e ortográfica, enquanto a criação de imagens aparece de forma pontual. Esse conjunto de usos indica que a IA tem sido acionada sobretudo em práticas ligadas à leitura, à escrita e ao planejamento pedagógico.

**Figura 2:** Gráfico sobre os usos de IA pelos/as participantes



Fonte: gerado pelo Google Forms a partir das respostas dos/as participantes

Esses resultados sugerem que a IA tem funcionado como um espaço de interlocução, no qual os/as estudantes formulam perguntas, solicitam reformulações, organizam ideias e testam possibilidades de escrita. Tal dinâmica aproxima-se da concepção de prompt como gênero discursivo emergente, proposta por Wotckoski, Oliveira, Andrade e Silva (2024, p. 1), para quem o prompt “se constitui como um tipo relativamente estável de enunciado que, para além de um mero comando técnico, manifesta uma arquitetônica própria e uma natureza dialógica intrínseca no processo de coautoria”. Nessa perspectiva, escrever com IA implica saber perguntar, delimitar demandas, orientar respostas e avaliá-las criticamente, o que exige competências linguísticas e discursivas específicas.

Essa discussão permite compreender que os/as participantes não abandonam o papel – entendido como leitura de textos teóricos, escrita autoral e elaboração de atividades –, mas



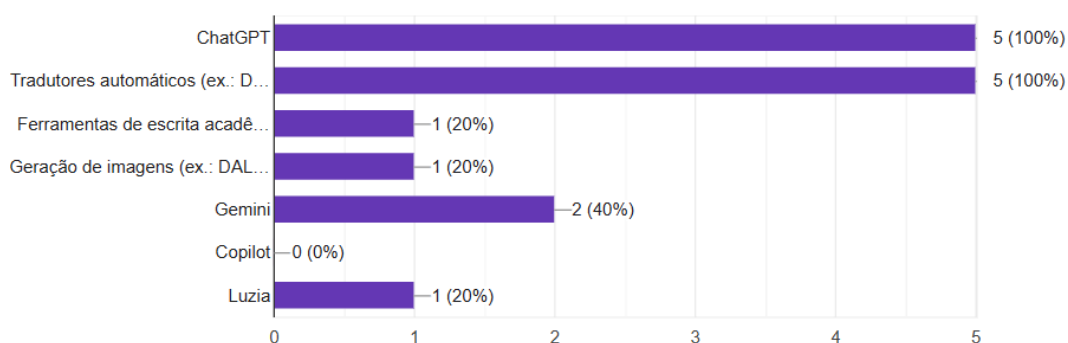
passam a articular essas práticas ao uso do prompt como suporte à organização do pensamento e à ampliação de repertórios. Trata-se, portanto, de uma prática híbrida, na qual o gesto de escrever se desloca parcialmente, sem que isso implique o apagamento da autoria humana.

Do ponto de vista da formação docente em Letras, os usos recorrentes da Inteligência Artificial evidenciados neste estudo convocam uma reflexão que ultrapassa o domínio técnico das ferramentas. Como argumentam Freitas e Avelar (2021, p. 103), compreender o digital implica reconhecer epistemologias outras, uma vez que “[a] leitura do e no mundo digital aponta para epistemologias que compreendem não só o contexto tecnológico que constitui a sociedade em redes, mas também as relações estabelecidas entre as pessoas, que estão além do conhecer e utilizar ferramentas”. Nessa perspectiva, o uso da IA passa a ser compreendido como parte de práticas sociais e discursivas que reorganizam modos de ler, escrever, ensinar e aprender.

A pesquisa de Carvalho e Pimentel (2023) sobre os usos do ChatGPT no contexto educacional mostrou que estudantes estabelecem relações diversas e multifacetadas com essa tecnologia em suas práticas de estudo e aprendizagem. Os autores evidenciam que o ChatGPT tem sido mobilizado para múltiplas finalidades, passando a ocupar papéis distintos, “como um parceiro, coautor, debatedor, professor, tradutor, revisor, copiloto, programador” (Carvalho; Pimentel, 2023, p. 18). Essas múltiplas relações levam os autores a reconhecer que “para além do copiar-e-colar, as/os estudantes efetivam aprendizagens inventivas, inventam novas formas de estudar e aprender no presente” (Carvalho; Pimentel, 2023, p. 18).

No que se refere às ferramentas mais utilizadas, o gráfico da Figura 3 evidencia a predominância dos chatbots conversacionais nas práticas acadêmicas dos/as participantes, com destaque absoluto para o ChatGPT, utilizado por 100% dos/as respondentes, seguido pelos tradutores automáticos, também presentes em todas as respostas. Outras ferramentas aparecem de forma mais pontual, o que sugere uma preferência por tecnologias baseadas em interação linguística direta, acessíveis e flexíveis, aspecto central em um curso cuja formação se organiza em torno da linguagem.

**Figura 3:** Gráfico sobre as principais ferramentas de IA utilizadas pelos/as participantes



Fonte: gerado pelo Google Forms a partir das respostas dos/as participantes

Quando esses dados são articulados às finalidades de uso, percebemos que há coerência entre as ferramentas escolhidas e os modos como elas são mobilizadas no cotidiano acadêmico. A centralidade do ChatGPT e dos tradutores conecta-se diretamente a práticas como tradução, organização de ideias, elaboração de planos de aula e produção escrita, indicando que a IA tem sido integrada às práticas acadêmicas já consolidadas, e não deslocada para usos marginais. Assim, o material empírico sugere que os/as estudantes participantes desta pesquisa transitam entre o papel e o prompt, articulando leitura, escrita e planejamento pedagógico em um movimento que reconfigura, mas não substitui, práticas acadêmicas tradicionais.

Essa centralidade da linguagem nas interações com a IA reforça o argumento de Cope e Kalantzis (2022) de que a Inteligência Artificial não opera fora do social, mas está profundamente implicada em práticas culturais e discursivas. Ao mesmo tempo, o autor e a autora alertam que, em sistemas cyber-sociais, a responsabilidade ética e interpretativa permanece humana. Essa preocupação também aparece nos estudos de Wotkoski, Oliveira, Andrade e Silva (2024), ao enfatizarem que a IA pode produzir respostas plausíveis, mas nem sempre confiáveis, o que exige do/a usuário/a uma postura crítica frente aos textos gerados.

Em síntese, o material empírico analisado neste recorte sugere que os/as estudantes de Letras já habitam o entrelugar entre o papel e o prompt, articulando práticas acadêmicas

tradicionais a novas formas de mediação algorítmica. Essa travessia não elimina a escrita autoral, mas a reinscreve em um cenário no qual a autoria se constrói na interação, na escolha e na responsabilidade sobre o que se escreve, configurando um dos desafios centrais para a formação docente em tempos de Inteligência Artificial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou resultados parciais de uma investigação em andamento que buscou discutir a presença da Inteligência Artificial nas práticas acadêmicas de estudantes de um curso de Letras, tomando como recorte a identificação das ferramentas utilizadas e as finalidades atribuídas a esses usos. Ao dialogar com os dados empíricos e com referenciais teóricos contemporâneos, o estudo sugere que a IA vem se incorporando ao cotidiano formativo de licenciandos/as, não como elemento excepcional, mas como parte constitutiva de práticas de leitura, escrita, pesquisa e planejamento pedagógico.

Os resultados discutidos apontam que os/as estudantes transitam entre práticas acadêmicas tradicionalmente associadas ao papel e novas formas de mediação algorítmica, organizadas em torno do prompt. Essa travessia não indica o abandono da escrita autoral ou da leitura crítica, mas a emergência de práticas híbridas, nas quais a linguagem ocupa lugar central nas interações com sistemas inteligentes. Nesse sentido, a escrita mediada por IA aparece menos como substituição do trabalho intelectual e mais como espaço de interlocução, organização do pensamento e ampliação de repertórios.

Do ponto de vista da formação docente em Letras, tais achados reforçam a necessidade de deslocar o debate sobre a Inteligência Artificial de posições dicotômicas – entre aceitação irrestrita e rejeição absoluta – para uma perspectiva crítica, situada e pedagógica. Compreender a IA como parte de um ecossistema de práticas discursivas e sociais implica reconhecer que ensinar e aprender, hoje, acontecem em contextos marcados por integrações cada vez mais intensas entre humanos e máquinas. Nesse cenário, formar professores/as envolve não apenas o domínio de conteúdos e metodologias, mas também o desenvolvimento de letramentos críticos capazes de problematizar os modos como essas tecnologias participam da produção de sentidos e do conhecimento.

Por se tratar de um recorte de uma pesquisa em andamento, este texto não pretende oferecer respostas fechadas, mas contribuir para o debate sobre os desafios e as possibilidades da formação docente em tempos de Inteligência Artificial. Entre o papel e o prompt, o que se delineia não é a substituição de um pelo outro, mas a necessidade de aprender a habitar esse entrelugar com responsabilidade ética, criticidade e sensibilidade pedagógica, reconhecendo que, mesmo em contextos mediados por algoritmos, a autoria, a interpretação e a tomada de decisão permanecem profundamente humanas.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Felipe; PIMENTEL, Mariano. Estudar e aprender com o ChatGPT. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 20, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11140>. Acesso em: 05 out. 2025.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. Artificial intelligence in the long view: from mechanical intelligence to cyber-social systems. *Discover Artificial Intelligence*, v. 2, art. 13, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s44163-022-00029-1>. Acesso em: 05 out. 2025.

FREITAS, Carla Conti de; AVELAR, Michely Gomes. Letramento do e no mundo digital: multiletramentos na formação de professores de línguas. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido da; FREITAS, Carla Conti de. (org.). *Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica*. São Paulo: Pá de Palavra, 2021. p. 91-108. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/26/o/Pessoa\\_\\_Silva\\_\\_Conti\\_Praxiologias\\_do\\_Brasil\\_Central.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/26/o/Pessoa__Silva__Conti_Praxiologias_do_Brasil_Central.pdf). Acesso em: 05 out. 2025.

MENDONÇA, Helena Andrade; PIRES JÚNIOR, João Reynaldo. Educação digital para IA: um currículo real, possível e necessário. *Gláuks – Revista de Letras e Artes*, v. 25, n. 2, p. 143-165, 2025. Disponível em: <https://revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/533>. Acesso em: 05 dez. 2025.

SANTAELLA, Lucia. Por que é imprescindível um manual ético para a Inteligência Artificial Generativa? *TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, n. 28, p. 7–24, 2023.  
SILVESTRE, Viviane Pires Viana; PESSOA, Rosane Rocha; ROSA-DA-SILVA, Valéria. Pesquisa enredada: insurgências metodológicas no Grupo Transição. In: *Pesquisa enredada: insurgência metodológica em educação linguística crítica*. 2026. No prelo.

WOTCKOSKI, Ricardo Boone; OLIVEIRA, Cláudia de Fátima; ANDRADE, Simone Tavares de; SILVA, Ana Carolina Belleze Silva. A inteligência artificial generativa e a

produção textual: a emergência do gênero discursivo prompt. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, v. 21, n. 05, p. 1–18, 2025. DOI: [10.61164/t7sd6x67](https://doi.org/10.61164/t7sd6x67). Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/5221>. Acesso em: 30 dez. 2025.